

Tratamento endodôntico em dente canino de cachorro do mato vinagre (*Speothos venaticus*).

Marco Antonio Gioso¹, Roberto Silveira Fecchio², Daniel Green³, João Luiz Krumenerl Jr.⁴

¹Prof. Dr. Do Departamento de Cirurgia FMVZ-USP, ²Acadêmico da Universidade Metodista de São Paulo (bob_vetmeto@hotmail.com), ³Médico Veterinário Autônomo, ⁴Médico Veterinário Hovet FMVZ-USP.

O cachorro do mato vinagre (*Speothos venaticus*), um canídeo sul-americano descrito por Lund em 1942, distribuía-se originalmente por quase toda a América do Sul, desde a fronteira da Colômbia com o Panamá até Santa Catarina. Atualmente, no Brasil, pode ser encontrado em florestas de mata atlântica, como no Parque Estadual Intervales-SP, em campos úmidos no cerrado, como no Parque Nacional das Emas-GO e no Pantanal; espécie atualmente classificada como vulnerável de extinção pela IUCN (1990). Sua dentição difere-se dos demais canídeos pela ausência dos segundos molares superiores (110 e 210) e dos terceiros molares inferiores (311 e 411), apresentando a seguinte fórmula dental: $2x (3/3 \ 1/1 \ 4/4 \ 1/2)$. Uma fêmea de cachorro vinagre, fêmea, pesando cerca de 4,5 Kg, foi contida quimicamente (8 mg/Kg de Ketamina + 0,5 mg/Kg de Xilazina) para a realização de exame clínico de rotina, no qual constatou-se fratura de canino inferior esquerdo (304). Para a realização do tratamento preconizado (tratamento endodôntico), o animal foi encaminhado ao Laboratório de Odontologia Comparada (LOC) do Departamento de Cirurgia da FMVZ-USP, no qual foi contido e, logo após, mantido em anestesia inalatória com Isoflurano. Evidenciou-se fratura com exposição de polpa (mortificada) em 304, para a qual preconizou-se a realização da necropulpectomia, basicamente, em 7 passos: radiografia intra-oral (periapical), com o intuito de avaliar o periodonto do órgão dental fraturado, por meio da qual constatou-se que este mantinha-se hígido; acesso ao canal radicular, realizado através do local de exposição da polpa, devido à existência de fratura dental, seguido de odontometria (condutometria); instrumentação dos canal pulpar, iniciada com o preparo químico-cirúrgico dos canais (PQC) utilizando limas do tipo Hedström e compostos químicos de hipoclorito de sódio (1,0 %) e Endo-PTC, além de irrigação e secagem do canal pulpar; obturação do canal pulpar com cimento composto por óxido de Zinco em pó e Eugenol líquido, inserido em conjunto com cones de guta-percha; restauração do local de acesso com resina composta fotopolimerizável definitiva e polimento da superfície da resina; e, finalmente, nova radiografia intra-oral, a fim de avaliar o sucesso do tratamento. No caso de animais selvagens, as opções de tratamento são mais restritas, visto que a capacidade de acompanhamento pós-cirúrgico da cavidade oral é mais limitada. Portanto, deve-se optar por aquela terapia de maior confiabilidade, evitando-se outros manejos do animal e novas contenções químicas. Para tanto, é imprescindível a realização de exame clínico da cavidade oral sempre que o animal for anestesiado para outros fins, de forma a diagnosticar, precocemente, quaisquer problemas relativos à cavidade oral.